

QUESTÕES EM TORNO DO ASPECTO SOCIALIZADOR DAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL

Enrico Spaggiari¹

Resumo

Este paper pretende discutir, a partir de uma breve revisão de uma recente bibliografia sobre “escolinhas de futebol” nas Ciências Sociais, os diferentes significados em torno desta modalidade, para além de análises generalizadoras que delineiam dois modelos preponderantes de escolinhas: a primeira centrada no enfoque empresarial da modalidade, criada por clubes profissionais, ex-jogadores e investidores, voltada para setores da classe média e classe média alta, com a finalidade de ensinar a prática futebolística como um saber a ser aprendido e comprado mensalmente; a segunda, agrupada na categoria de “projetos sociais”, modalidades mais populares, próximas de outras práticas também acionadas nos espaços urbanos e não-urbanos, por exemplo, o futebol de várzea ou o futsal. Ao transitar pelos diferentes significados que perpassam o foco dicotômico indicado acima, pretendo problematizar um sentido específico - o aspecto socializador da modalidade -, mas que se apresenta multifacetado quando observado de perto e de dentro².

O futebol brasileiro vem passando por inúmeras mudanças estruturais (Proni, 2000), tanto no plano do futebol profissional quanto nas suas formas mais lúdicas³ e cotidianas. Uma dessas mudanças foi a proliferação das escolinhas de futebol em São Paulo (SP), principalmente em bairros próximos às regiões centrais, simultaneamente ao longo processo de periferização⁴ da prática do futebol de várzea.

Alguns estudos recentes trataram especificamente do futebol varzeano paulistano, tanto em regiões próximas às áreas centrais quanto em áreas mais periféricas de São Paulo (Magnani & Morgado, 1996; Santos, 2001; Hirata, 2005). O primeiro deles, inclusive, abordava o circuito paulistano de futebol varzeano a partir da prática no Parque do Povo em São Paulo (SP). A partir de um levantamento etnográfico preliminar em clubes de várzea até então situados no Parque do Povo⁵, cheguei aos nomes de

¹ Mestrando em Antropologia Social. Universidade de São Paulo – USP. Bolsista FAPESP.

² Metodologia etnográfica proposta por Magnani (2002) e que privilegia a busca dos padrões e regularidades das práticas sociais e do comportamento do conjunto de atores, em recortes bem delimitados. O que permite apreender, descrever e analisar certos aspectos urbanos (principalmente relações cotidianas) preteridos nos prismas macro, *de fora e de longe*.

³ Isso não implica em dizer que há um antagonismo entre as dimensões lúdica e competitiva, e tampouco que o lúdico esteja ausente no futebol profissional (cf. Toledo, 2002).

⁴ Entendo esse momento de periferização não como um deslocamento do futebol varzeano para as áreas periféricas, mas sim como a relativa permanência da prática nestas áreas, quando comparamos com a acentuada diminuição dos campos de várzea em áreas mais próximas à região central.

⁵ Localizado entre as Avenidas Nações Unidas, Cidade Jardim, Juscelino Kubitschek e rua Brigadeiro Haroldo Veloso e reduto de vários times de futebol de várzea por mais de 80 anos, o Parque do Povo foi tombado pelo Condephaat em 1994 como Patrimônio Cultural da Humanidade (cf. Magnani & Morgado, 1996), num processo que envolveu diferentes agentes que faziam uso do parque (clubes de futebol de várzea, o circo-escola Picadeiro e o Teatro Vento Forte), reunidos em torno da Associação Amigos do Parque do Povo. Após dez anos do tombamento e de disputa pelo direito de usar a área, o parque foi fechado para a prática futebolística em 2005. A Prefeitura de São Paulo justificou a legitimidade da ação devido à constatação de possíveis irregularidades, incluindo crimes ambientais (dezenas de árvores

algumas escolinhas de futebol estabelecidas em bairros próximos às áreas centrais e em bairros de áreas periféricas da cidade. Após alguns contatos e idas a campo, escolhi como objeto de pesquisa a escolinha do complexo esportivo CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, mantido pela Prefeitura do Município de São Paulo e utilizado por diversos times de várzea locais para a prática futebolística num espaço público⁶. A escolinha, mais especificamente, desenvolve atividades com crianças e jovens da categoria infanto-juvenil, na faixa dos 8 a 17 anos.

Pretendia, a partir do trabalho de campo, problematizar novas um possível papel socializador dessa modalidade, que introduziria os jovens na vida local e também mais ampla, ajudando-os a compreender e compartilhar linguagens, regras e valores comuns, visto que estudos recentes demonstraram que o futebol varzeano não é destituído de regras e funciona a partir de um certo grau de organização. Para isso, propunha como público a ser pesquisado não só os envolvidos no futebol local (praticantes da escolinha, pais, dirigentes, jogadores da várzea, torcedores) como também outros atores indiretamente ligados ao futebol varzeano do bairro. Objetivava, ainda, um acompanhamento pontual das aulas, treinos e jogos de outras escolinhas, com o objetivo de confrontar, principalmente, o ensino do futebol (no plano das regras, táticas e fundamentos) em diferentes escolinhas, enquanto um conhecimento a ser apreendido e internalizado. Revelava-se, portanto, uma outra face da pesquisa, que envolveria a apreensão de um saber técnico construído no processo de ensino.

É possível mapear, em trabalhos mais recentes, algumas pesquisas que enfocaram diversas práticas futebolísticas exercitadas nos espaços urbanos e não-urbanos, traçando um diálogo com reflexões antropológicas atuais que se propõem a retomar criticamente uma produção anterior sobre o futebol, enfocando-o como “uma atividade dotada de uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista” (DaMatta, 1994, p.12).

Apesar do desenvolvimento de trabalhos significativos, a produção das ciências humanas brasileiras privilegiou uma linha de pesquisa que analisa, a partir de eventos e símbolos nacionais (a Copa do Mundo, a Seleção Brasileira, os ídolos), o futebol enquanto um elemento operador e definidor de uma identidade brasileira. Característica presente na bibliografia das Ciências Sociais brasileira sobre esporte desde o pioneiro livro *Universo do Futebol*, organizado por Roberto DaMatta (1982).

Contudo, existe uma interessante e incipiente bibliografia antropológica sobre, entre outros temas, as escolinhas de futebol, a qual privilegia uma análise desse objeto enquanto uma modalidade empresarial voltada para setores da classe média e classe média alta, com a finalidade de ensinar a prática futebolística. Porém, são estudos que se reservam a um plano de análise a ser problematizado, devido principalmente à diversidade de escolinhas de futebol encontrada.

Portanto, pretendo levantar novas questões e apreender os múltiplos significados e sentidos atribuídos à modalidade e às crianças e jovens urbanos: tanto como prática de lazer voltada para o público infanto-juvenil, ou como investimento na produção do jogador visando à carreira profissional, ou mesmo como prática de cunho social para jovens, em projetos desenvolvidos pelo poder público, por setores privados e grupos e

cortadas e mortas), ligações de eletricidade e água clandestinas, esgoto a céu aberto, moradias irregulares e comércio irregular. A proposta da Prefeitura é transformar o Parque do Povo em um espaço de convivência, com a oferta de atividades esportivas e de lazer.

⁶ Por espaço público entendo o espaço urbano marcado por uma heterogeneidade social, onde há uma diversidade de usos e representações que se contrapõem uns aos outros. Ver Caldeira (2000).

associações ligados à comunidade local. O que não implica um antagonismo entre esses e outros sentidos, pois esta modalidade abrange uma pluralidade de significados.⁷

Deste modo, será possível problematizar análises unilaterais que destacam apenas um suposto papel socializador - de inserção social de crianças e jovens - dos projetos educacionais esportivos urbanos. Penso que essa pesquisa possa ser compreendida enquanto um novo esforço etnográfico, pertencente a um grupo de trabalhos mais recentes que enfocam as diversas práticas futebolísticas – os *futebóis* propostos por Damo (2005) – e a relação destas com aspectos significativos da sociedade brasileira, privilegiando práticas urbanas cotidianas que, agregadas, ajudam a compor o universo esportivo e a vida social.

Pimenta (2000), ao observar uma escolinha da cidade de Taubaté ligada ao São Paulo F. C., enfocou essa modalidade como exemplo de entidade privada resultante de um fenômeno mercadológico, voltada à capitalização do lazer através do ensino da prática do futebol e destinada, especialmente, para jovens com melhores recursos financeiros. Para o autor, a profissionalização administrativa do futebol, alinhada aos interesses de mercado, produz e impõe à juventude uma “violência subjetiva” ao alimentar os sonhos de jovens que não dispõem de recursos financeiros para investir na formação futebolística oferecida pelas escolinhas. Essa violência teria como causa um possível processo de elitização dos processos de formação e seleção de jogadores, que reservariam, por meio de dispositivos econômicos, oportunidades de uma carreira profissional no futebol apenas a uma minoria. Pimenta considera, portanto, que há uma preponderância de escolinhas em detrimento de processos de formação e seleção mais tradicionais,⁸ o que dificultaria substancialmente o ingresso de jovens das camadas populares, sem condições financeiras de pagar a mensalidade exigida pelas escolinhas.⁹

Para Toledo (2002), ocorreu, a partir da segunda metade dos anos 90, a proliferação de um tipo de modalidade empresarial e forma de sociabilidade relacionada ao investimento dos clubes profissionais no franqueamento de escolinhas, com o objetivo principal de aumentar a lucratividade do clube, além de oferecer novas formas de seleção de jogadores como resposta à grande oferta de jovens praticantes. Anunciadas como se fossem mais uma via para selecionar talentos para a prática esportiva profissional, as escolinhas se afastariam dos propósitos anunciados, uma vez que não ocorreria uma seleção criteriosa que avaliasse o talento potencial dos jovens frequentadores. O pagamento da mensalidade seria a única exigência para a integração do jovem à escolinha, o que explicaria o baixo aproveitamento destes garotos nos departamentos amadores dos clubes.

A partir de etnografias em clubes e centros especializados em formação de “jovens talentos”,¹⁰ Damo (2005a) analisa os elementos envolvidos na produção de jogadores profissionais – os investimentos de longo curso nos *bastidores* (treinamentos e avaliações médicas, físicas e técnicas) –, com o objetivo de compreender os

⁷ Contudo, o principal objetivo não é classificar todos os tipos, pois um estudo totalizante das escolinhas exigiria uma contextualização de seus diferentes usos e significados na cidade de São Paulo, já que um mesmo termo em outros contextos pode estar referido a formas mais particulares de treinamento de jovens e crianças. Devido à singularidade do recorte selecionado, não é o objetivo principal da pesquisa.

⁸ Práticas tradicionais de formação e seleção de atletas profissionais, como o futebol varzeano e peneiras.

⁹ A priori, não compartilho essa preocupação com o autor, já que a própria noção de escolinha de futebol tem que ser redimensionada, ampliando a categorização desta modalidade.

¹⁰ O autor realizou uma rica experiência etnográfica comparativa, no Sport Club Internacional, de Porto Alegre, e no Olympique Marseille, na França.

mecanismos do futebol *espetacularizado*¹¹ e o ingresso de novos jogadores neste plano. Para o autor, não há uma predominância dos jovens de classe média e alta nas categorias de base dos clubes ou nos quadros profissionais.¹²

Vale destacar que esses são enfoques voltados principalmente para uma antropologia do esporte e que procuraram, explorando outras perspectivas etnográficas, pesquisar aspectos relacionados às escolinhas de futebol, tais como: as dinâmicas internas da modalidade, os principais objetivos da formação do jovem, seu caráter empresarial e sua importância como um novo agente ligado ao futebol profissional.

Todavia, um desafio é encarar a cidade como uma esfera fundamental para uma reflexão sobre as práticas futebolísticas, não apenas como cenário para os fenômenos futebolísticos; analisar, portanto, o futebol como prática esportiva numa relação de interdependência com a dimensão urbana. Pesquisas recentes no Rio de Janeiro evidenciam a proliferação de escolinhas em bairros populares.

Guedes (1998) observou a prática do futebol numa escolinha de um clube de bairro de Niterói, no Rio de Janeiro. Para a autora, a escolinha seria uma forma de introdução e socialização dos jovens num mundo diferente, com linguagens, regras e saberes comuns específicos. Nesse sistema de interações e socialização na prática do futebol, tornar-se-iam visíveis uma série de relações sociais e culturais transmitidas e internalizadas num espaço cultural compartilhado cotidianamente. Para Guedes, uma das principais qualidades do futebol é o fato de reter diversos significados.

Maia (1999), inserindo questões urbanas na problematização do objeto, abordou a modalidade num prisma diferente dos demais estudos expostos aqui, ao acompanhar as atividades desenvolvidas numa escolinha de futebol no Morro do Borel, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A etnografia evidenciou a importância da prática do futebol enquanto uma alternativa para as crianças e adolescentes moradores de um espaço marcado pela violência e pelo crime, tanto como forma de lazer nas práticas cotidianas do Morro, quanto uma possibilidade de iniciar uma carreira profissional no futebol em oposição à carreira no crime e no tráfico. Com as devidas mediações, essa escolinha, na perspectiva de Maia, pode ser associada à noção de “escola de moralidade”, sugerida por Wacquant (2002, p.32) em sua pesquisa sobre a academia de boxe.

Penso, porém, que compreender a dinâmica relacional de uma escolinha de futebol implica pensar num universo de relações mais flexível se comparado à dinâmica analisada por Wacquant em sua etnografia num salão de boxe de Chicago/EUA, onde há, segundo o autor, um “fechamento da academia sobre ela mesma” – uma *sociabilidade protegida* – e onde a vida pública “não tem a menor repercussão no interior do ginásio” (2002, p.47). Penso que a questão giraria, talvez, em torno de uma

¹¹ Damo trabalha com a categoria *matriz da espetacularização* quando se refere ao que até agora denominamos de *futebol profissional*, compondo uma interessante classificação que divide as práticas futebolísticas em quatro matrizes – espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar – e que pretende auxiliar na compreensão da diversidade de “futebóis” no Brasil (2007).

¹² Compartilho com Damo a idéia de que esse envolvimento dos clubes na ampliação das escolinhas não indica significativamente um papel dominante desta modalidade na formação de futuros jogadores profissionais, pois os clubes ainda prezariam pela qualidade, independentemente da origem (classe social, região, escolinha ou futebol de várzea) do candidato a jogador. Contudo, permanece um ponto a ser enfrentado: essa qualidade ainda privilegiada pelos clubes não é a mesma qualidade que envolve um saber técnico e tático inspirado na preparação do jogador profissional e que foi incorporado de forma sistemática pelas escolinhas de futebol?

ordem relacional¹³ que a escolinha de futebol definiria num marcado por *sociabilidades alargadas*¹⁴, onde não haveria, a princípio, uma oposição radical dela com a vida pública do bairro ou da vizinhança, mas sim sua possível imersão dentro das redes de relações locais ou mais amplas (Agier, 1999).

Quando coloco em confronto as perspectivas de Wacquant e Agier não tenho como objetivo indicar apenas uma forma possível de se compreender como e quais relações são construídas na escolinha, mas, ao contrário, ter como referência um esquema analítico aberto a distintas formas de sociabilidade, como também a diferentes sentidos e significados do futebol praticado por crianças e jovens da Cidade Líder.

Percorrer os diversos significados do aprendizado e da prática musical entre crianças e jovens de baixa renda em São Paulo e internos da Febem, participantes do Projeto Guri. Com esse objetivo, Hikiji (2006) observou os aspectos pedagógicos, estéticos, políticos e performáticos de algumas propostas de intervenção social por meio da prática musical, buscando pensar a musicalidade como alternativa para construção de identidades e auto-representações para além de estigmas e estereótipos – como violência, criminalidade, pobreza – constantemente vinculados a uma juventude nomeada *em situação de risco*.

A proposta do Projeto Guri é partir “de uma atividade estética – a música – para atingir objetivos éticos, políticos e morais, como a inserção social, a cidadania, a ampliação de horizontes das crianças e jovens” (2006, p.70). Para os organizadores do projeto, por exemplo, essa juventude é “carente” de afeto, carinho e atenção; tendo em vista essa *falta*, o principal objetivo do ensino musical não seria formar músicos, mas sim mostrar a música como alternativa, “como via de acesso ao exercício da cidadania, tal qual compreendida pelos propositores da intervenção”. (2006, p.65)

Muitas das classificações, sentidos e identidades atribuídas à juventude de baixa renda ou ao fazer musical, muitas vezes não correspondem às imagens que as crianças e jovens participantes do projeto constroem. Os significados atribuídos pelos jovens ao fazer musical variavam, “ora um quebra-galho, um passatempo, ora ‘tudo’ na vida de alguém” (Hikiji, 2006, p.65). Para pais e alunos mais velhos, o aprendizado revelava, numa perspectiva utilitária da prática musical, a possibilidade de formação e inserção profissional, nos moldes de um curso profissionalizante¹⁵. Ou, num sentido oposto a esse, podia ser ainda uma prática para o lazer e diversão, perfeita para *matar o tempo* dos jovens; um tempo perigoso, de ócio, um tempo em que podiam estar nas ruas.

Portanto, embora haja uma ênfase nos aspectos sociais e éticos do projeto e o não reconhecimento, por diversos setores da sociedade, da prática musical destes jovens enquanto uma produção artística, para essa juventude a música “faz parte de suas vidas

¹³ Uma ordem relacional dinâmica, onde as redes familiares domésticas (femininas) e os grupos de pares ou turmas (masculinos) não são categorias fechadas, visto que nos grupos de pares reconstituem-se relações pautadas em valores familiares: fidelidade, solidariedade e honra. (Agier, 1998, p.54-59)

¹⁴ É o domínio, segundo Agier (1999), das redes de relações - esfera média, local e intermediária entre os pequenos mundos de cada cidadão e as macroestruturas sociais - formadas a partir das situações de interação no nível micros social, desde as relações mais próximas com parentes, amigos e vizinhos, aos quadros públicos de criação e representação de identidades coletivas. Tais redes de relações podem por vezes atingir um nível de expressão local ou nacional (transformando-se em associações e empresas ou sendo incorporadas por instituições existentes), mas permanecendo ligadas às mesmas fidelidades e valores relacionais.

¹⁵ A música é uma atividade por meio da qual se torna difícil, em certos momentos, distinguir os universos do lazer e do trabalho. Como lembra Hikiji: “A música e os esportes foram – e ainda são – um meio de inserção profissional e mobilidade social para os negros e pobres no país” (op. cit., p.67-68).

e está modificando seus corpos, seus pensamentos, seus desejos, sua percepção. Fazer música, para eles, é belo, é bom, é correto, é o presente, é uma possibilidade de futuro” (2006, p.70).

Esse trabalho indica um caminho possível de análise. Quanto não aprenderíamos sobre a infância e juventude brasileiras, sobre as formas de intervenção social e sobre as diversas manifestações sensíveis ou lúdicas se cada uma delas – e sua relação – fosse analisada em sua particularidade? (Hikiji, 2006, p.238).

Pretendo, portanto, na trilha (a ser desbravada) de *um caminho possível de análise*, levantar novas questões e apreender os múltiplos significados e sentidos atribuídos à modalidade e às crianças e jovens praticantes. Deste modo, será possível problematizar análises unilaterais que destacam apenas um suposto papel socializador - de inserção social de crianças e jovens - dos projetos educacionais esportivos.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. Lugares e redes: as mediações da cultura urbana”. *In: Niemeyer, A. M. & Godoi, E. P. (Orgs.). Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos.* Campinas, Mercado das Letras, 1998, p. 41-63.

_____. *L'invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas.* Paris, Ed. des Archives Contemporaines, 1999, 176 p.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In: DAMATTA, Roberto (Org.) Universo do Futebol.* Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p.19 – 42.

_____. *Antropologia do Óbvio. Revista USP. Dossiê Futebol,* São Paulo, n° 22, p.10 - 17, 1994.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.* 2005^a. 403 f. Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.* Niterói: EDUFF, 1998. 136 p.

HIKIJ, Rose. S. G. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens.* São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2006. 256 p.

HIRATA, Daniel V. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo.* 2005. 155 f. Dissertação de mestrado em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais,* São Paulo, vol.17. n.49, p.11 - 29, 2002.

MAGNANI, José G. C. & MORGADO, Naira. Futebol de Várzea também é Patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* São Paulo, n° 24, p.175 - 184, 1996.

MAIA, Eline D. Esporte e Juventude no Borel. *Revista de Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 13, n° 23, 1999, p. 192-206.

PIMENTA, Carlos A. M. Novos processos de formação de jogadores de futebol e o fenômeno das “escolinhas”: uma análise crítica do possível. *In: ALBARCES, P.*

- (Org.). *Peligro de Gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p.75-96.
- SANTOS, Marco A. da S. *Futebol de várzea como espaço de sociabilidade*. 2001. 120 f. Dissertação de mestrado - Faculdade de Ciências Sociais, Pontífice Universidade Católica, São Paulo. 2001.
- TOLEDO, Luiz H. de. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.
- _____. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002. 342 f.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. 294 p.